

Do branco ao negro

Ana Luísa Amaral

Ana Zanatti

Clara Ferreira Alves

Elgga Moreira

Eugénia de Vasconcellos

Lídia Jorge

Maria Isabel Barreno

Maria Teresa Horta

Raquel Freire

Rita Roquette de Vasconcellos

São José Almeida

Yvette K. Centeno

Ilustrações

Rita Roquette de Vasconcellos

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Ana Luísa Amaral
THE DYING ANIMAL

Só se é imortal enquanto se vive.

Philip Roth, *The Dying Animal*

O animal a morrer vi-o eu, e era estrangeiro ao livro. À minha frente, sobre a cama, em cima da colcha branca de algodão, antes de ser levado ao sono mais antigo, esse era o animal que morria. E aquele não era um capítulo, nem uma cena imaginada, cega e incógnita de sangue e carne, mas a cena real antes da sua morte, a verdadeira. E se eu tinha sido, para ele, sua, ele era meu, ou assim eu o havia sempre pensado: fora-me emprestado pela vida durante quinze anos, uma vida. Dormira nesta cama, ao meu lado, conversara comigo entre olho e voz. Conhecia-me os sons e entendia a luz com que eu às vezes abria a porta. Alguma escuridão, muitas vezes.

É o amor que faz mover as coisas. Chamamos-lhe paixão, ternura, lealdade, por vezes reprodução. Ou até crescimento, como as árvores. Uma coisa qualquer que está tão além como aquém da ponderação cósmica: uma desarmonia, um desvio do equilíbrio puro. Talvez daí tivéssemos nascido, ele e eu, nós os dois animais: de uma brecha no padrão de entre o que

não tinha sequer cor, porque a cor é invenção humana, como os nomes que damos às cores. Talvez daí tivéssemos nascido: de um desacerto binário. E o amor deve ter surgido desse equívoco, por isso é ele sempre imperfeito. E glorioso na sua imperfeição.

As estrelas, por exemplo, pontos brancos sobre um fundo negro na noite fria, a noite antes da partida deste animal, morrente. De facto, a união das cores todas, contida nesse branco das estrelas. De manhã, em cima da colcha branca, antes de ser levado ao sono mais antigo e mais comum, eu via nos seus olhos, concentrado, aquele que era o maior erro de código do universo, o mais precário: o da vida que resistia e se negava à mortalidade.

Ele estava ali, o seu pelo macio na minha mão, tão negro como o fundo em que se fixavam as estrelas. E não tinha o nome da personagem do livro, mas um nome provocante e fino, com corpo a lembrar cabarets, fumo, uma guerra distante, coisas roucas. Ou, em alturas de Verão e de tosquia, a mais pura elegância. Com esse nome podiam construir-se histórias; mas bastava a história dos seus quinze anos, desde cria minúscula, uma bola sedosa que eu trouxera para a minha cama e que ali adormecera num suspiro feliz, até criatura adulta, que se encostava a mim e suspirava comigo, nesses momentos meus de escuridão ou de luz.

Sobre a colcha branca, o seu corpo não voava, como podia acontecer em literatura: estava só estendido, em dor. E mesmo assim, em dor, dava-se à carícia. Sentindo a ternura, sem lhe interessar saber da saudade de quem lhe falava, que a saudade iria ficar sempre enquanto a sua memória não se desvanecesse. Que era isso que nos ligava, a ele e a mim, o poder que tem o corpo, na sua infinita



aspereza de fragilidade. Como uma colcha de algodão, branca e macia.

Este animal que morria não era sofisticado no amor. Ao amar, não ficava dividido, tacteando a ameaça de que ceder o coração era ceder a alma e, dentro da ameaça, ensaiar receios por detrás do palco. É verdade que ceder o coração é ceder a alma – e ele sentia-o, mais do que o sabia. Por isso lhe tinham sido sempre estranhos pensares ambíguos. Amar era amar, um espaço de salto no vazio – para o vazio. Um intervalo na longa cadeia de unissonância que há-de ser a morte.

Exultar com a presença do outro que nos é ao lado. Resguardar o outro dos medos grandes da solidão e do cansaço; e arrancar-lhe as tristezas. Ou aceitá-las, estando só ali. Amar era amar. Subir uma colina, subi-la a pulso, a pata, porque lá em cima o amado nos espera. Saber que o amado fará por nós o mesmo. Até um dia nos levar de automóvel, uma mão no volante, enquanto a outra nos afaga, falando baixinho, e nós a olhá-lo, desveladamente. Até nos conduzir a cheiros fortes, a uma mesa branca, uma agulha, ele: a seta que, por amor, nos dá o esquecimento.

Mas durante o tempo líquido daqui, ter pressentido sob o pelo e sob a pele o perfume vago da imortalidade: um tempo de sol que se viveu, o cheiro das ervas no jardim, e, quando se foi jovem, correr até os músculos tremerem, correr em círculos, correr ao compasso do ar, pelo puro prazer de se estar bem, de se sentir o corpo como mola oleada e obediente. E acolher a mão que nos susteve, que nos sossegou, que descia até nós depois do som do elevador e no abrir da porta. E nós a saudar essa mão, a saudar o olhar que com essa mão se alongava e nos saudava de volta. E nós a suster também o cansaço dessa mão, e a sossegar o corpo que a prolongava.

Saudando a voz. E a vida. Esta a canção dos amados, sem outras personagens.

Sobre a colcha de algodão muito branca estava deitado este animal, à espera. Um pouco mais acima, junto da almofada, aberto e esquecido, tinha ficado o livro. A literatura de nada vale sem a vida. Mas a vida não é a literatura. O animal que ali esperava a morte, de forma gerundiva, era meu igual no sofrimento e no amor. Era meu amigo.

O livro vivia de papel cheio de capítulos, dúvidas de estilo, cenas inventadas. O livro era só palavras. E as palavras não aquecem pelas noites, nem pesam sobre as pernas, brandas como chumbo –